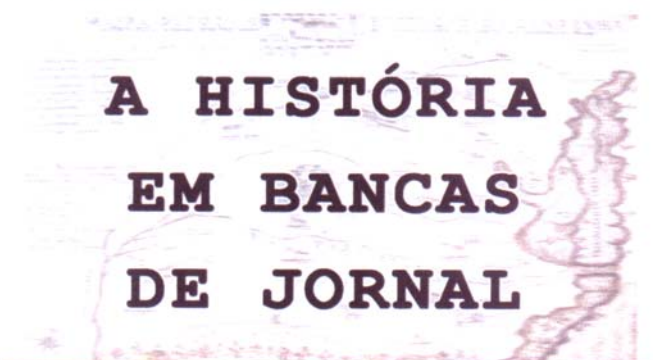




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciencia: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thathanamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadó, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e DVDs, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



A construção histórica da imagem de Hitler presente nas revistas de grande circulação

(centrada na análise da edição número 11 da revista
"Grandes Líderes da História")

Nomes dos integrantes do grupo:

Marcos Alexandre Schwerz
No. USP 2259295

Paulo Eduardo Amâncio
No. USP 3503094

Pedro Henrique Maloso Ramos
No. USP 3516306

Professor: Dra. Raquel Glezer
Disciplina: Teoria da História I
Turma: sexta/noite
1o. semestre/2005

São Paulo, 1o. de julho de 2005

Índice	Página
1. Objetivos	02
2. Escolha do tema	03
3. Estrutura da revista “Grandes Líderes da História”	04
a. Ficha de descrição	04
b. Apresentação dos artigos	05
c. Estruturação dos artigos	07
4. Como é retratada a figura de Adolf Hitler	17
5. Análise da construção da imagem de Hitler nas revistas “Grandes Líderes da História” e “Almanaque Abril – Volume 1 - 2ª. Guerra Mundial”. Comparação entre as revistas	21
6. Análise da entrevista com a professora Doutora Maria Luiza Tucci Carneiro	25
7. Conclusão	27
8. Bibliografia	30

1. Objetivos

O presente trabalho tem como primeiro objetivo estabelecer uma análise da revista “Grandes Líderes da História”. Para tanto, nos utilizamos de dois números da revista: a revista de número quatro – ano 1 –, que traz como líder o Buda, e a revista de número 11 – ano 1 –, trazendo a figura de Adolf Hitler como o líder em questão. Quanto a esta análise não iremos fazê-la somente de maneira comparativa, e sim procurar levantar as principais características da publicação “Grandes Líderes da História”. E, para tanto, consideramos essencial ter mais de um exemplar para fazer uma boa análise do material.

O nosso segundo objetivo é o de analisar como está estruturada a figura do líder Adolf Hitler na “Grandes Líderes da História”, como ele é retratado, quais as questões e afirmações feitas e quais são as abordagens trazidas pela revista. Existe uma associação entre a Alemanha da 1ª. Guerra Mundial e a ascensão do Nazismo no pós-Guerra? Quem é Adolf Hitler? Como está “encaixada” a figura de Hitler e a ascensão do Nazismo na Alemanha? Essas serão as principais questões a serem trabalhadas nesta análise. Obviamente, falaremos de como está estruturada (suporte) a revista, quais e onde estão as imagens, e como estão apresentados os textos (quais os títulos e abordagens).

Um último objetivo levantado pelo o grupo é o de comparar essa publicação com outra publicação que tenha uma grande circulação, se destine ao grande público. Para tal, escolhemos analisar a revista “Almanaque Abril”, que fez em quatro volumes – portanto, aparece como uma coleção - uma publicação a respeito da 2ª. Guerra Mundial – o título da presente coleção é “II Guerra Mundial – 60 anos”. Iremos analisar, no entanto, apenas um volume – o que confirma que nosso trabalho não se destina a análise dessas publicações; nós a utilizamos para “enriquecer” o trabalho e julgamos necessário para tornar nossa abordagem mais crítica e concisa. O volume a ser analisado é o primeiro – “A Ascensão do Nazismo”. A que se afirmar que a contraposição entre ambas as revistas levara em conta as especificidades das mesmas – uma se trata de apenas um número tratando de toda a 2ª. Guerra Mundial, e outra é uma coleção com quatro volumes. Por isso, nosso objetivo, em ambas, é analisar como está estruturada a figura de Hitler e a ascensão do Nazismo.

2. Escolha do tema

Podemos afirmar que a escolha do tema ligado à 2ª. Guerra Mundial foi, antes de tudo, vinculada ao “boom” de publicações ligados ao tema devido a comemoração dos 60 anos que marcam o final desse conflito. Portanto, antes de tomarmos conhecimento com as revistas e temas que estavam expostos nas bancas, optamos por analisar dois líderes políticos, retratados na revista “Grandes Líderes da História”, sendo um deles o número referente a Ernesto Che Guevara. Iniciamos a procura pelo o material e, imediatamente, nos surpreendemos com a enorme quantidade de publicações relacionadas a 2ª. Guerra Mundial. Em uma banca contabilizamos sete revistas em que a matéria principal era ou o Nazismo, Hitler e a 2ª. Guerra Mundial. E, em três delas, a imagem da capa trazia Hitler - a saber, “Aventuras na História” e as duas publicações já citadas aqui. Na revista “Grandes Líderes da História” a imagem de Hitler é a única presente na capa.

Ao percebermos isso, julgamos mais interessante fazer um trabalho relacionado a esse assunto, e comprovamos, com o tempo, que a escolha foi muito pertinente. Pudemos, em menos de duas semanas, levantar um material suficiente para realizar um trabalho enriquecedor e revelador a respeito dessas publicações destinadas ao grande público.

Para que o trabalho não ficasse destoante quanto a análise das publicações que escolhemos, decidiu-se pela análise da ascensão do Nazismo e a figura de Hitler. Portanto, devido a necessidade, nosso tema tornou-se menos abrangente que o assunto exposto nas revistas, procurando levantar as questões principais de ambas.

3. Estrutura da revista “Grandes Líderes da História”

a. Ficha de Descrição

Nome: “Grandes Líderes da História”

Editora: Arte Antiga Editora

Data: em nenhum dos exemplares consta-se data, sendo apenas apresentadas pelo número e ano de publicação do material. “Grandes Líderes da História – Buda” – Número 4/Ano 1; “Grandes Líderes da História – Adolf Hitler” – Número 11/Ano 1”

Número de páginas: “Grandes Líderes da História – Buda”: 50 páginas; “Grandes Líderes da História – Adolf Hitler”: 50 páginas

Organização Interna: os dois exemplares diferem muito quanto à organização interna. Podemos analisar que o número referente ao Buda possui uma divisão entre os artigos que privilegia o Budismo – mesmo dando enorme destaque à figura do Buda -, enquanto que na revista referente ao Hitler está é, senão, quase que um exemplar voltado a biografia do líder em questão. Os temas referentes a 2ª Guerra Mundial estão ligados, intrinsecamente, a figura de Adolf Hitler.

Relação de Artigos: como nosso trabalho está relacionado a edição de número 11 – ano 1 da revista, os artigos expostos nessa edição são:

“Infância, Família e Adolescência” – pp. 05-09

“Primeira Guerra Mundial” – pp. 10-15

“Ascensão do Partido Nazista” – pp. 16-21

“Preparativos para a Guerra” – pp. 22-27

“A Segunda Guerra Mundial” – pp. 28-33

“A Polêmica Morte” – pp. 34-37

“Herança de Auschwitz” – pp. 38-41

“Vida Amorosa” – pp. 42-43

“Entrevista: O Nazismo e o Brasil” – pp. 44-45

“Demônio Encarnado?”- pp. 46-47

“Guia” – pp. 48-50.

b. Apresentação dos artigos

Os dois exemplares dessa publicação apresentam na capa de suas edições a mesma estrutura: a imagem central do líder a ser apresentado na revista. Os nomes dos líderes aparecem logo abaixo das respectivas imagens, com a apresentação dos títulos e dos tópicos que serão trabalhados na revista. Na contra-capas de ambas as revistas aparecem alguns números já publicados, sejam dessa revista, sejam de outras da mesma editora. Fato relevante é que todas as publicações aparecem muito mais como um material em que não se segue uma periodicidade, e que, portanto, também se apresentam como coleções – assim é definida a publicação “Grandes Líderes da História” -, com a mensagem na contra-capas: “Colecione! Peça ao seu jornaleiro”.

A primeira página de ambas as revistas aparece um texto curto da editora Thaise Rodrigues, fazendo uma abordagem do porque foi escolhido e publicado uma revista com aquele líder. Chega a ser surpreendente o texto da revista que trabalha com Hitler, primeiro pelo resumo absurdo que a editora faz do período histórico e as afirmações ilógicas – a presença do “se” na História. Segue o trecho: “Numa das conversas aqui na redação, o repórter Luiz Alberto Moura disse o seguinte: ‘Já imaginou se, durante a Primeira Guerra Mundial, alguém tivesse acertado o então mero soldado Adolf Hitler? Com certeza, o mundo hoje seria outro’. E seria mesmo”.

O anacronismo da frase acima já pode ser motivo de inúmeras e contundentes críticas. Primeiro se levarmos em conta que as idéias hitleristas se formam e se “popularizam” no pós-crise de 1929, ou seja, mais de uma década após o término do primeiro conflito mundial. Conforme a própria revista irá mostrar, Hitler, durante a década de 10, está muito mais interessado em seguir a carreira “artística” – sonhava em ser pintor, tentando ingressar na Academia de Belas Artes de Berlim - do que, efetivamente, consolidar-se como um ditador. Parece que a editora, assim como o repórter, tem a certeza de que Hitler nasceu nazista, e que, portanto, todas as suas ações levaram a consolidação do Nazismo. E depois porque existe uma centralização excessiva do nazismo na figura de Adolf Hitler. Brilhante é a própria definição que a editora atribui a Hitler: “Gênio do Mal”. Existe uma visão muito restrita desta a respeito da 2ª. Guerra Mundial – será que existe uma compreensão do significado das bombas atômicas que explodiram no Japão?

O que se apresenta a seguir não é a influência de Hitler somente para a 2ª. Guerra Mundial, e sim para toda a humanidade. Rodrigues disserta que o trabalho realizado por Lucas Pires é, claramente, um esforço para que possamos entender quão

mal e sanguinário foi Adolf Hitler. A primeira afirmação que podemos fazer é que se no número referente a Hitler aparece o autor dos artigos, Lucas Pires, no número referente ao Buda, em nenhum momento é citado o nome de quem os produziu – inclusive não sabemos de onde foram extraídas as informações.

Em ambas as revistas existe uma enorme variedade de imagens, sendo estas a porta de entrada para os artigos publicados. A primeira preocupação – nota-se isso nas duas revistas – é mostrar quem foi o líder desde de sua infância, quais foram as suas influências, e quais os resultados destas em sua vida. No entanto, nos primeiros artigos de ambas revista percebe-se uma notória diferença entre essas. Enquanto que na revista que trabalha com Buda, este está inserido em um contexto histórico, na revista que trabalha com Hitler, existe a sobreposição da figura desse líder, como se este houvesse iniciado um período marcado por inúmeros conflitos imperialistas e políticas nacionais, sendo a coroação, para a revista, o nazismo. Segundo as palavras de Lucas Pires “Falar sobre Adolf Hitler é falar sobre o nazismo, e falar sobre ambos é mexer no que talvez seja a maior prova da crueldade da qual o ser humano foi capaz”. Não entraremos, agora, na análise dos artigos, mas já é sugestivo afirmar que, até a página 21 conta-se tão somente a história da vida Hitler.

c. Estruturação dos artigos

Devido ao fato de, já no início, saltar-nos aos olhos a incrível centralização da figura de Hitler na “Grandes Líderes da História”, resolvemos iniciar a análise do primeiro texto por uma quantificação. O primeiro artigo, que busca mostrar a figura de Hitler desde a infância até a construção das primeiras teorias nazistas, possui um excesso de palavras em que se repete o nome de Hitler - seja Adolf, Adolf Hitler ou apenas Hitler -, em relação às palavras Alemanha e nazismo. O que de fato impressiona é a inexistência de uma abordagem histórica a respeito da Alemanha e da Europa – palavra que não aparece nenhuma vez – no texto. Os resultados foram os seguintes:

Palavras	Números de vezes que se repetem/ porcentagem
Alemanha, alemães, alemão, alemã	5/ 10,4%
Hitler; Adolf Hitler; Adolf	40/ 83,3%
Nazismo, nazistas, nazista	3/ 6,2%

A partir da página 21 os textos procuram abranger algo mais do que a vida de Hitler; no entanto, continuam a consolidar a idéia de que foi o líder nazista o responsável, senão único responsável, pela ascensão do Nazismo e pela 2^a. Guerra Mundial. Iremos fazer aqui uma exposição dos artigos mais relevantes e as interpretações que mais nos chamaram a atenção na revista sobre o Hitler. Vez ou outra, iremos retomar a edição sobre o Buda.

Tanto o segundo quanto o terceiro textos estão vinculados a vida particular de Hitler e, posteriormente, sua incrível carreira política. O que é interessante de se notar é que aqui se afirma algo que, até a pouco tempo, era apresentado de outra maneira. Anteriormente, Pires associou o racismo e autoritarismo de Hitler à educação imposta por seu pai – dando inclusive o dado de que esta ocasionou um distúrbio psicológico -; aqui aparece a idéia de que, entre 1912 a 1914, Hitler teve contato com as idéias anti-semitas – portanto, elas seriam anteriores a sua existência e não simples resultado da conturbada relação com seu pai.

É retratado, de maneira bem específica, a participação de Hitler na 1^a. Guerra Mundial, mostrando, primeiramente, sua adesão as forças de combate como um ato nacionalista. É utilizado um trecho da obra de Hitler, “Minha Luta”, em que este relata o imenso orgulho e satisfação em servir à Alemanha nesse conflito. Desde da entrada de Hitler no conflito até o abandono deste pelo fato de ter sido baleado, Hitler parece ter adquirido toda uma cultura anti-semita (sem, no entanto, aparecer de onde se deu essa

influência). Um dos sub-títulos do terceiro texto é “O começo do ódio”, nota-se, claramente, a idéia de que Hitler foi apresentado as teorias nazistas e anti-semitas quando morava em Munique. As ações dos trabalhadores judeus, ao entrarem em greve para pedir o fim do conflito, criaram entre os alemães a idéia de que os judeus seriam traidores da pátria.

O tratado de Versalhes imposto à Alemanha ao final do conflito, é descrito como extremamente prejudicial a política e a economia alemãs, criando um sentimento de “rebeliões e tentativas de revolta” entre o povo alemão. A consolidação da Liga das Nações, e a impossibilidade de construção de forças militar alemãs criou nesse país a idéia de que somente a Alemanha havia sofrido as conseqüências do conflito mundial. É através desse viés, segundo Pires, que serão constituídas as idéias de Hitler quando este é apresentado ao Partido dos Trabalhadores Alemães, em 1919. Sua adesão ao partido e a enorme capacidade retórica que possuía fizeram com que Hitler, desde do início, fosse uma figura de destaque, recebendo, em pouco tempo, o convite para ingressar no partido. O segundo texto termina com uma interpretação, esta sendo realizada a partir da leitura da obra do historiador Eric Hobsbawm, a “Era dos Extremos: O breve século XX”, em que se descreve como estavam postas as ações militares na 1ª. Guerra Mundial – guerra de trincheiras -, também traçando um paralelo com o passado europeu e alemão anteriores a esse conflito – no caso da Alemanha aparece de maneira muito resumida a figura de Bismarck e o II *Reich*.

O terceiro texto vai tratar simplesmente do poder político do partido por Hitler, com a apresentação da idéia de um homem obstinado pela necessidade em se controlar esse partido e de fazê-lo representante direto dos interesses hitleristas dentro da Alemanha. Aparece a adoção do nome que Hitler propõe ao partido – Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães” – como uma prova da capacidade deste em consolidar suas decisões em um curto espaço de tempo.

De todos os textos esse é o que consolida mais a idéia em se “individualizar” o nazismo à figura de Adolf Hitler, colocando as SA, através de suas ações “pouco usuais” contra o Estado Alemão, como prova do poder e prestígio que Hitler havia adquirido. Ao retratar a ação contra o governo – *putsch* de novembro – e o fracasso da mesma, aparece a idéia de que Hitler o fizera seja por motivos internos, seja pelo exemplo da bem-sucedida marcha de Mussolini para tomar o poder em Roma, em 1922. É o primeiro momento em que a figura do ditador italiano é apresentada em correlação direta ou indireta as ações hitleristas.

A prisão – segundo Pires, Hitler entendeu a sua prisão como um ótimo mecanismo para aparecer na mídia, consolidar a sua imagem perante a população - de Hitler é resumida a um relato que retrata um bom tratamento recebido por esse e seu esforço em escrever a sua obra, a “Minha Luta”. Existe uma ponderação interessante quanto as idéias de Hitler a respeito do caminho que levaria a uma mudança social, frente a consolidação da República de Weimar: “Essa nova realidade no país serviu para duas coisas: dar a Hitler a certeza de que o povo não toleraria uma revolução e, portanto, só lhe seria possível chegar ao poder através dos trâmites legais, e também manter o Partido Nazista em gestação, sem muitos sucessos políticos nas eleições durante os próximos anos”. Sem contestar a validade da afirmação, parece estranho não constar nenhuma referência bibliográfica e sequer algo ou alguém que indique de onde partiu essa conclusão. Pela estrutura dos textos passados o primeiro nome que nos veio foi – novamente – o de Hobsbawm.

De todos os textos apresentados esse, até o momento, é o que faz uma melhor abordagem histórica a respeito da Alemanha e Europa – confirma-se isso pela segunda tabela, logo abaixo -, mas volta a afirmar que Hitler foi responsável direto da ascensão das ideologias anti-semitas e do nazismo.

Ao final desse terceiro texto aparece um artigo, intitulado “As Origens do Mal em Hitler”. Procurando entrar na discussão de porque Hitler fez o quê fez, existe uma excessiva abordagem da vida pessoal do ditador e nenhum viés histórico. Levanta-se, em menos de três parágrafos duas possibilidades, do distúrbio psicológico causado pela educação dada pelo pai – teria gerado em Hitler uma “forma de força destrutiva”, a uma provável sífilis adquirida por Hitler durante a juventude, levando-o a odiar os judeus porque, segundo Pires, ele teria adquirido a doença com uma prostituta judia. Iremos retomar essa abordagem sobre Hitler, pois, acreditamos, é essencial para se entender como a figura do ditador está retratada nessa revista. Vale a pena afirmar que, ao final, o próprio autor considera tais autorias absurdas. “Buscar explicações é típico dos homens, ainda mais para algo tão abominável quanto o que Adolf Hitler fez na Alemanha – novamente se centraliza única e exclusivamente na figura de Hitler. Mas explicar e entender não pode significar **compreender e perdoar**¹³”.

Nesse terceiro texto o uso de imagens se dá em maior número que os anteriores e, pela primeira vez, o plano de fundo é diferente: tons de vermelho. Anteriormente preponderavam cores mais claras. Existe uma alternância entre fotos e desenhos, sendo

que em três das quatro fotos Hitler aparece e está em primeiro plano. Nesse terceiro texto também fizemos uma tabela acerca de quantas vezes aparecem as palavras em referência ao nome do ditador, em comparação com as palavras referentes à Alemanha, comunistas, judeus e ao Nazismo. Veja a tabela:

Palavras	Número de vezes em que se repetem/Porcentagem
Hitler, Adolf Hitler e Adolf	45/ 52,3%
Judaica, judaísmo, judeus, judeu, judia	11/ 12,7%
Comunista, comunistas	3/ 3,4%
Alemanha, alemão, alemãs, alemães	14/ 16,2%
Nazismo, nazistas, Nazista	13/ 15,1%

O quarto artigo da revista trabalha com o contexto histórico do período anterior a 2ª. Guerra Mundial, aparecendo, novamente um trecho de livro (não se informa o qual, mas se deduz ser o já citado) de um historiador, Eric Hobsbawm. As principais afirmações feitas por Pires nesse texto são a ascensão dos EUA como “maior potência mundial” no pós-1ª. Guerra, e a quebra da Bolsa de Nova York. No entanto, a abordagem histórica mundial aparece em pequenos três parágrafos, e logo o assunto se centraliza, novamente, em Hitler e na Alemanha.

Esse texto é visivelmente marcado por um esforço em se fazer um retrato de uma Alemanha marcada pelo desemprego e pela consolidação de duas forças políticas, nazistas e comunistas que, em 1930, aparecem de maneira contundente no Parlamento alemão, ocupando muitas cadeiras. Também aparece a formação das SA e SS nazistas – a primeira apresentada de maneira muito resumida no texto anterior - e o papel delas como alicerces da expansão política de Hitler que, aqui, anacronicamente, já aparece – o texto está trabalhando com o período de 1930-1932 – sendo chamado de *Führer*, e o esforço das forças legais – bem como do então presidente Hindenburg – de controlar a ação desses grupos. Graças a incapacidade destas em controlar as SA e SS, e devido ao enorme populismo de Hitler, segundo o texto, este é nomeado chanceler em 30 de janeiro de 1930.

Logo após o relato dessa fulminante subida de Hitler ao poder, Pires opta pelo relato das ações belicistas – como o incêndio ao Parlamento, em 27 de fevereiro de 1933 – de Hitler, do que suas ações políticas. Novamente se associa – de maneira muito

¹ Retomaremos essa idéia de compreender e perdoar – ou julgar – na conclusão.

simples – a consolidação de Mussolini no poder italiano e a ascensão de Hitler. O único viés político de Hitler nesse período está registrado pela perseguição aos partidos políticos na Alemanha e promulgação do “Ato de Autorização” – falta, no artigo, o ano da promulgação do ato, tornando, para o leigo, o texto um pouco confuso -, dando poderes ilimitados ao líder nazista.

É somente quando vai tratar da preparação da Alemanha para a guerra que Pires se preocupa em explicar a política econômica de Hitler, bem como as suas relações externas. Existe uma excessiva preocupação em se consolidar a idéia de uma Alemanha belicista desde da ascensão hitlerista, e, mesmo sendo essa idéia aceita, a sua constante afirmação oculta outras importantes informações. Segue-se um pequeno artigo na parte inferior das páginas 26 e 27, abordando a Olimpíada de Berlim, em 1936, e as claras demonstrações de racismo e arianismo de Hitler durante a ocorrência desse evento.

As imagens desse texto, sem sombra de dúvida, são as que guardam o maior anacronismo, pois tratam de um período posterior ao que está sendo apresentado ao leitor, o que, concluímos, prejudica o entendimento, tanto das imagens, quanto dos artigos. As imagens tratam, em sua maioria, dos anos posteriores a 1937. Outro fato que nos chamou a atenção foi a utilização de desenhos para retratar Hitler, e não fotos – assinados por Fábio Matos -, o que já havia ocorrido nas páginas anteriores. Voltaremos a trabalhar essa questão que nos pareceu pertinente quando comparamos com o material exposto pela Almanaque Abril.

Esse excesso de desenhos não se repete na edição que trata sobre o Buda. No número referente ao Buda existe em algumas páginas, inclusive, um excesso de imagens, “picotando” os textos e tornando os confusos. É notório, um cuidado muito maior com a estética da revista que trabalha com Hitler do que com a que trabalha com o Buda, inclusive com a existência de “molduras” nas páginas dos textos de Lucas Pires – como a que aparece imagem da cruz de ferro circulando todo o artigo. Faz-se, aqui, uma constatação importante, que será melhor trabalhada a *posteriore*: não existe uma apresentação isolada do símbolo nazista, em nenhum momento aparece a cruz suástica em destaque. E quando ela é retratada, aparece como que “quebrada” ou, o que confirmara nossa interpretação, vinculada às imagens de Hitler. Existe, inclusive em uma das imagens, a sobreposição da cruz suástica a um desenho de Hitler. Isolada, no entanto, a imagem do símbolo do Nazismo nunca aparece.

Outro dado que consideramos interessante apresentar agora é o número de desenhos em relação ao número total de imagens até esse quarto texto. Os dados são os seguintes:

Especificação	Números	Porcentagens
Desenhos	14	53,8%
Fotos	12	46,2%

Iremos tratar agora de um artigo que consideramos muito importante para dar um contexto completo à respeito da abordagem da revista. A seção da revista intitulada “Herança de Auschwitz” a qual retrata o anti-semitismo levado até as últimas conseqüências, o Holocausto, comporta uma estrutura na qual a matéria se caracteriza de modo bastante patente, fundamentalmente, pelo denso apelo ao recurso de imagens. Assim, constata-se que cerca de 50% das páginas destinadas ao assunto são preenchidos com fotografias – todas elas registrando os devidos créditos - de prisioneiros situados em diferentes campos de concentração, o que difere sensivelmente do resto da revista, composta em grande parte por desenhos, em uma porcentagem maior da que a apresentada acima.

Concebemos que as imagens fotográficas alocadas tanto na página de apresentação do artigo quanto nas laudas subseqüentes, são preenchidas com imagens que buscam transmitir ao leitor, parte do cotidiano dos cativos nos campos de concentração nazista. A fotografia que abre a matéria (Divulgação/Discovery Networks) ocupa toda a primeira página, visando enfatizar o pesar e o sofrimento das vítimas da reclusão: mostra três prisioneiros de modo a destacar em primeiro plano a feição abatida de uma prisioneira de expressão facial tensa e pensativa, a qual tem à sua frente uma cerca de arame farpado.

É também interessante perceber que o ângulo pelo qual o fotógrafo capta a imagem é bastante oportuno uma vez que nos permite visualizar interessantes detalhes em profundidade, como a torre de vigilância, a elevada cerca de isolamento de arame farpado que envolve prisioneiros, focalizadas de modo que auxilia a percepção do leitor em relação a intransponibilidade, a impossibilidade de fuga por parte do preso.

Nos pareceu que a seleção das fotografias versou no sentido de descrever o dia-a-dia de um campo de concentração, enfatizando seu perfil de depósito de homens ou de seus restos mortais. Assim, a revista exhibe a imagem de alojamentos onde são flagrantes as situações de penúria vivenciada pelos presos em virtude da fome e da precariedade das instalações; porém nenhuma nos pareceu mais chocante do que uma fotografia que

mostra um caminhão com corpos amontoados, a mais sugestiva imagem em termos da atomização pela qual o significado da vida humana aparece submetido.

Partindo da observação de aspectos como os acima levantados, chegamos ao entendimento de que as fotografias mais do que concorrer acabam por adquirir posição de preponderância em relação ao texto, a qual é aguçada pela falta de satisfatória articulação entre a parte escrita e visual, uma vez que embora seja claro que ambos materiais remetam ao mesmo assunto, efetivamente, as fotos estão integradas de maneira justaposta.

O texto em termos estéticos segue padrão semelhante ao das demais seções da revista, logo que prioriza trabalhar fragmentos organizados a partir de subtítulos, bem como repete a estratégia empregada em alguns outros artigos em relação ao uso de imagens sombreadas ao fundo das páginas que nessa seção em específico tem seu corpo do texto impresso sobre tonalidade azul-clara.

Em seguida, constatamos que propriamente no tocante a análise do texto, a persistência em se atribuir a Adolf Hitler papel *sine qua non* ao desenrolar dos acontecimentos e, por conseguinte, do genocídio. Logo, se por um lado é verdadeiro o fato de que o autor admite – mesmo se contradizendo - que não foi Hitler o criador do anti-semitismo, visto que se trata de um fenômeno ideológico muito anterior ao nazismo, por outro atribui exclusivamente ao ditador a construção das bases da política de extermínio dos judeus evitando a todo custo a nomeação de outros personagens.

A figura de um líder depende fundamentalmente de seu carisma junto às massas e da cooptação dos setores que sustentam as estruturas do poder e em relação a isso, Hitler conseguiu provar que possuía de sobra junto aos alemães naquele contexto histórico. Uma análise bem feita acerca destas circunstâncias, de suas condicionantes históricas proporcionaria tranquilamente, excelentes argumentos que justificariam a posição de Hitler como “*Grande Líder da História*”. Por outro lado, constitui enorme risco apresentar a um público leigo argumentos, convenhamos, um tanto forçosos, os quais visam delegar as estratégias do partido e do governo nazista unicamente às decisões do *füher*, , supostamente provenientes de sua “diabólica genialidade” .

Assim, a forma pela qual o texto é construído não fornece nenhum subsídio, ou quem sabe, na melhor das hipóteses, apresenta reduzidíssimas indicações afim de que o leitor seja informado acerca de outros agentes envolvidos na construção da ideologia. A propósito, é curioso como que, ao referir-se a outros articuladores da ideologia nazista, o autor opta por remeter-se ao nome “nazistas” num sentido genérico. Nesse sentido, ao

se referir à política governamental de propaganda anti-semita, avalia que, “os nazistas foram especialistas em criar e espalhar cartazes, filmes, livros e panfletos denegrindo a imagem dos judeus” – aqui reside uma das maiores e principais diferenças quanto a “Almanaque Abril”, muito mais bem elaborada nesse sentido, trazendo o nome o papel de outros líderes nazistas, como Goebbels -; caso análogo verifica-se num trecho mais adiante da matéria a partir de uma breve alusão que faz em relação ao Tribunal de Nuremberg, onde lembra que a coleta de provas documentais por parte dos aliados nos campos de concentração “foram essenciais para a condenação de *nazistas* no julgamento”. Ora, mas quem são esses nazistas?! O público fica sem saber!

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi que a noção do desenrolar de estágios no curso da história, idéia cara aos estudos no campo da Filosofia da História, aparece expressa nessa seção da revista no âmbito da abordagem do progressivo arrocho da perseguição nazista aos judeus entre os anos de 1933 e 1941. Lucas Pires emprega a terminologia “estágio” numa perspectiva tripartite.

O primeiro estabelecido, entre o ano de 1933 e 1938 é definido como a “primeira tentativa de banir os judeus de todos os campos sociais”, tecida num contexto pelo qual as “leis de Nuremberg” figurariam dentre os marcos factuais mais notáveis, assinalando que a referida legislação “impunha a proibição do casamento entre judeus e arianos, boicotes econômicos, prisões e espancamentos”. Todavia, entendemos que exista uma certa ambigüidade na construção da frase acima citada, podendo vir a confundir o leitor, pois o contexto pelo qual a frase é colocada, se analisado com um cuidado maior, permite que nos certifiquemos, no máximo, de que pelas “Leis de Nuremberg” ficavam proibidos casamentos entre arianos e judeus, ficando em suspenso se as demais ações (isto é, os boicotes econômicos, prisões e espancamentos) de fato tornaram-se práticas “legais”, ou melhor, institucionalizadas pelo estado nazista, ou então se tornaram corriqueiras nesse “primeiro estágio”, enquanto produto do discurso propagandista estatal anti-semita, o qual assimilado por grande proporção da população alemã redundou no acolhimento de tais práticas.

Voltando propriamente à questão dos “estágios”, observa-se que o segundo estágio proposto se situa entre 1938 e 1941 e sua existência atribuída a um período qualificado como de acirramento da perseguição anti-semita, o qual tem seu desencadeamento ligado a um marco factual atribuído à chamada “Noite dos Cristais”, evento que, traduzindo as palavras do autor, poderíamos afirmar que consistiu num sanguinolento “arrastão” contra os judeus.

O terceiro e último estágio tem seu início vinculado ao ano de 1941, o qual tem sua duração até 1945, culminando com o sucessivo dismantelamento dos campos de concentração e o encerramento do conflito. O argumento explicativo para a ocorrência desse terceiro estágio de perseguição anti-semita é justificado pelo notório emprego da política de extermínio a qual é definida pela expressão “solução final”. Evidentemente, nosso parecer a esse respeito é que de fato, a conjuntura 1941-45 corresponde a um “estágio” demasiadamente sanguinolento tanto pela questão do holocausto, quanto pelos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, e nesse sentido, não pairam questionamentos em relação a afirmação do autor.

Entretanto, talvez o ponto não propriamente errôneo, porém discutível da formulação que propõe, resida no critério definidor da passagem do segundo ao terceiro estágio, já que se o extermínio constitui eixo marcante do início do terceiro estágio da perseguição anti-semita na Alemanha nazista; lembremos que tal característica já era presente no estágio anterior, pois como o próprio texto informa, “no final de 1941, cerca de um milhão de judeus haviam morrido por diversos motivos sob domínio nazista”.

É também interessante estarmos atentos ao fato de que o autor, ao remeter-se a essa fase com a implementação da execução em massa como a “solução final” nazista em relação à questão judaica, denota-se, enfim, a perspectiva da análise de um movimento da história pautado em estágios sucessivos por intermédio dos quais seria viável acompanhar a evolução de determinado fenômeno que inexoravelmente desemboca num determinado *telos*.

A parte final da matéria é editada com um “box” que discute o anti-semitismo enquanto ideologia. Lucas Pires oferece ao leitor uma definição peremptória em relação ao fenômeno, concebendo-o como uma “hostilidade ideologicamente motivada contra o povo judeu e sua cultura”. Percebe-se que, assim como no tratamento dado a questão relativa a perseguição nazista aos judeus, o autor opta por relatar historicamente as características da ideologia anti-semita no Ocidente, demarcando sua análise em torno de “três diferentes momentos”, aplicados possivelmente, visando finalidade didática.

Aliás, o fato de que a redação dos textos é construída a partir de linguagem bastante simplificada, às vezes próxima ao coloquial (como já comentamos anteriormente), bem como outros detalhes, por exemplo, no emprego dos algarismos indo-arábicos “15” e “19” para a denominação dos séculos, constituem elementos que, de certo, corroboram com a nossa tese em torno da preocupação de uma linha editorial da revista “Grandes Líderes da História”, versada no intuito de facilitar a decodificação

da mensagem por parte do leitor, com vistas à pragmática intenção de mantê-lo e, obviamente, alcançar a adesão de seu público potencial.

Voltando à questão inerente à análise do anti-semitismo, retratado na perspectiva de três momentos particulares, vemos que, embora não estabeleça uma rígida delimitação em termos de recortes cronológicos como aplicou na situação anterior, propõe três marcos históricos relativamente datáveis no decorrer da mutação da ideologia que são, o pensamento teológico ou tradicional, transcorrido da Idade Média ao século XIX; o moderno ou científico caracterizado pelas teorias científicas em voga já no final do XIX - sendo curioso o fato de que não é fixado de maneira explícita, um marco que encerre esse segundo momento. A seguir, o autor faz alusão a um terceiro momento, no qual a ideologia anti-semita tem por sustentáculo o neonazismo, que como observou, “ressurgiu a partir dos anos de 1980, após uma hibernação de praticamente trinta anos”. Daí, deduzir que o autor situe o tal “segundo momento” entre o final do século XIX e meados do XX.

Uma análise do discurso do conteúdo da matéria nos leva a crer que o autor atribui, digamos, implicitamente, determinada simetria em termos de expressividade entre Adolf Hitler e Auschwitz. Nosso argumento é o de que a imagem de Auschwitz está para os campos de concentração, em proporção semelhante à que Hitler estaria para o nazismo. Portanto, se como já observamos na parte inicial do trabalho, o autor argumenta que “falar sobre Adolf Hitler é falar sobre o nazismo” semelhantemente, o discurso produzido se inclina a tratar Auschwitz e campos de concentração quase como sinônimos.

Ademais, o título sugerido para a discussão dos campos de concentração nazista (“Herança de Auschwitz”) nos parece um tanto complicado pelo simples fato de que a matéria em momento algum explica, problematiza ou fornece subsídios que justifiquem o sentido da utilização da palavra “Herança”. Corresponderia a seus desdobramentos mais imediatos, como por exemplo, a morte de aproximadamente seis milhões de seres humanos e a criação de um estado Nacional (Israel)? Ou a lição de uma história *magistra vitae* a qual visa dentre suas principais atribuições mostrar os acertos ou equívocos de “grandes” personagens diretamente responsabilizados pelos conseqüentes avanços ou percalços no curso da humanidade? São hipóteses por nós até aqui aventadas e que revista parece não marcar posição.

4. Como é retratada a figura de Adolf Hitler

Semelhantemente, à questão em torno da vida particular, mais precisamente, no aspecto da intimidade amorosa-sexual, esta é abordada no campo da especulação, não havendo ao que, à primeira vista parece, a pretensão de se fechar à questão em relação ao assunto. O que nos parece claro por outro lado, é o fato de que há um grande investimento na abordagem de questões ligadas à sexualidade em detrimento da questão propriamente afetiva.

Observa a matéria que o personagem manteve digamos, “oficialmente”, três relacionamentos amorosos. O primeiro, aos seus 38 anos quando vive um curto romance com Mimi Reiter, uma adolescente de 16 anos que de acordo com a matéria teria tentado suicídio após o término do relacionamento. A seguir, percebe-se o nítido destaque dado ao relacionamento mantido com sua sobrinha, Geli Raubal. Destaque esse, que indubitavelmente, não se dá pela durabilidade da união, até mesmo porque o autor não informa o tempo de convivência do casal o qual, diga-se de passagem, não poderia ter sido tão longo, visto que ela teria se suicidado aos 23 anos.

Assim, como explicar uma matéria em que, por exemplo, ao relatar os três relacionamentos amorosos dos últimos 18 anos da vida de Hitler – entre os seus 38 e 56 anos de idade – onde a revista dedica mais de dois terços da exposição ao ligeiro convívio com Geli, enquanto que em relação à Eva Braun, sua última companheira a qual esteve ao seu lado por 16 anos, seja dedicado apenas um parágrafo?

Nossa interpretação a esse respeito é a de que embora o autor admita existir muita especulação a respeito da vida amorosa do ditador e que pouca coisa se saiba de fato, nos parece patente que o seu texto investe na hipótese da “perversão sexual” como característica marcante do personagem. Afirma que o suicídio de Geli Raubal tenha íntima relação com os atos bizarros que a moça era obrigada a praticar de modo forçado pelo seu parceiro.

Finalmente, concebemos que o autor opta por enfatizar a tese de que Adolf Hitler teria uma patologia sexual, isso porque a revista “Grandes Líderes da História”, enquanto uma publicação de caráter comercial, demanda assuntos que tenham forte apelo junto ao público leitor.

Outro ponto retratado por Pires é o da morte de Hitler. A revista discute a “polêmica da morte” do líder nazista, optando por apresentar duas possibilidades acerca do desfecho da vida do personagem. A primeira é gerada a partir da versão segundo a qual se afirma que ele teria se suicidado em seu *bunker* em 30 de Abril de 1945

mediante o convencimento acerca da sua iminente derrota final. Uma segunda versão gira em torno da hipótese de uma possível manobra feita pelos nazistas de maneira que “um falso Hitler morreu no *bunker* de Berlim”, enquanto que o verdadeiro teria fugido para a América Latina e, assim, ao contrário do que pensava os aliados, viveu por muitos mais anos. Isso porque, graças uma variedade de drogas preparadas por Josef Menguele, médico de Auschwitz - que se refugiou na Argentina e posteriormente no Brasil - Hitler gozou de plena saúde até pelo menos aos 100 anos e pasmem, viveria até seus 150 anos de idade!

Explorando essa segunda hipótese, a revista se empenha em empregar todas as ilustrações relativas a esse fato, visando ao que nos parece, não outra finalidade que não seja a de despertar a curiosidade do leitor acerca de uma versão pitoresca em relação ao destino do ditador. A própria cor das páginas, todas em azul celeste, e a imagem paradisíaca que inaugura a seção, acentua nossa percepção a esse respeito.

Percebe-se por outro lado que há no conteúdo desse artigo, uma franca disparidade entre o que a parte ilustrativa (reproduzida com desenhos) e o texto assinalam. O texto é bastante incisivo no sentido de afirmar que a hipótese de que o líder nazista teria conseguido escapar do cerco dos aliados não passasse de uma ilusória especulação e que indubitavelmente, “tem-se certeza da morte dele, mais precisamente de seu suicídio, no dia 30 de Abril de 1945”. Assim, o argumento contradiz completamente as ilustrações, não havendo, entretanto, sequer uma imagem, seja ela desenho ou fotografia, que estabeleça algum tipo de alusão em relação ao suicídio.

Isso é visto por nós como algo problemático, principalmente porque as ilustrações não figuram num plano secundário na matéria, antes pelo contrário, podemos dizer que ocupa pelo menos 50% das páginas destinadas a esse assunto, além do que a abertura do artigo, o qual apresenta o título “Hitler não morreu?”, é composta por um desenho o qual ocupa praticamente as duas primeiras páginas, com uma caricatura de Hitler tomando água-de-coco à beira da praia. O texto aparece, não, porém, como elemento de destaque.

Não bastassem os apelos das imagens, a matéria é encerrada com um “box” extremamente chamativo, todo decorado, de fundo vermelho e letras em cor branca, o qual disposto numa coluna vertical que ocupa a metade da última página da matéria, elabora relatos acerca do escape, bem como deixa em aberto a “folclórica” versão segundo a Hitler não morreu.

Refletindo acerca dessa estruturação da revista nos parece não haver sombra de dúvida, de que se entregássemos o material para duas pessoas e solicitássemos que uma lesse de fato a matéria, enquanto que a segunda apenas a folheasse, porém prestando atenção nas imagens, e ao final perguntássemos a cada uma delas sobre o que então se poderia dizer sobre a morte de Hitler, a primeira por ter lido o texto, afirmaria categoricamente que o *Fuhrer* se suicidou dias antes do estouro de seu *bunker* pelos russos, ao passo que, a segunda pessoa (que apenas observou as ilustrações e leu no máximo, o título da matéria e o “Box”) acharia absurda a afirmação do primeiro, de modo a garantir que, de acordo com a revista, Hitler teria oportunamente fugido de Berlim “salvando a sua própria pele”.

A parte textual da matéria procura, além de desmistificar a hipótese da fuga do ditador - como já nos referimos –, narrar como teriam sido os seus últimos dias de vida no comando da cúpula nazista, bem como explicar o por que de sua opção pelo suicídio. Aliás, é interessante percebemos que diferentemente ao que constatamos ao longo de toda a edição da revista onde não é citado praticamente nenhum outro nome que não seja o de Hitler, pelo menos no artigo dessa seção da revista, aparece à menção aos nomes de alguns de seus principais homens – M. Boorman, Goebbels, Himmler, Göring, Speer e Ribbentrop –, na ocasião em que se reúnem “para deliberar sobre os andamentos da Guerra”.

São descritos alguns acontecimentos relativos aos momentos que antecedem a morte de Adolf Hitler e sua companheira Eva Braun, coisas do tipo, “notícias de bastidores”, informações cercada de detalhes as quais desconhecemos de que modo poderiam ser comprovadas em termos documentais – mais uma vez não sendo clara quais foram as fontes. Aliás, convenhamos, não nos cabe aqui discutir, até por sua inócua relevância em termos históricos, questões como por exemplo, se o casal, embora já decididos por cometer suicídio, celebrou ou não o casamento, comemorando com champagne; são pormenores que não nos cabe discutir aqui detidamente, mas que, indubitavelmente, tratam-se de um atrativo ao leitor que gosta de “curiosidades”. A propósito, a única curiosidade a que o artigo nos instigou foi no tocante às fontes bibliográficas pesquisadas, as quais não são citadas, embora haja uma pista na observação feita por Lucas Pires, assinalando que a investigação do caso por H. R. Trevor-Roper gerou o livro “Os Últimos Dias de Hitler”, o qual, embora muito criticado na época de sua publicação, tornou-se um *best-seller* e hoje seria a versão mais próxima

de um consenso. Daí, a probabilidade de que a parte escrita da matéria tenha como base o historiador inglês.

5. Análise da construção da imagem de Hitler nas revistas “Grandes Líderes da História” e “Almanaque Abril – Volume 1 - 2ª. Guerra Mundial”. Comparação entre as revistas.

Pudemos analisar que os materiais trabalhados – sejam eles fruto de uma pesquisa historiográfica ou não -, ao desenvolverem suas narrativas, traçam perfis psicológicos. Pelo fato de estarem lidando com fatos humanos não conseguem se desvencilhar de aspectos psicológicos -desejos, instintos, necessidades, sentimentos individuais (a história individual, paixões) e coletivos (sentimentos diversos que estão atrelados a determinados grupos, classes, povos em determinadas épocas, idéias de pertencimento e alteridade). Como bem nos lembra Peter Gay:

“O historiador profissional tem sido sempre um psicólogo - um psicólogo amador. Saiba isso ou não, ele opera com uma teoria sobre a natureza humana; atribui motivos, estuda paixões, analisa irracionalidades e constrói o seu trabalho a partir da convicção tácita de que os seres humanos exibem algumas características estáveis e discerníveis, alguns modos previsíveis, ou pelo menos decifráveis, de lidar com as suas experiências. Descobre causas, e a sua descoberta geralmente inclui os atos mentais. Mesmo construtores de sistemas materialistas, como Karl Marx, que sujeitavam indivíduos às pressões inevitáveis das condições históricas, admitem e declaram que entendem o papel desempenhado pela mente. Entre todas as ciências auxiliares do historiados, a psicologia é a sua ajudante principal, embora não reconhecida.”²

A partir da integração do estudo profundo da biografia com a visão de mundo da personagem histórica, a análise psicológica pode auxiliar em muitos casos o entendimento da história das idéias. É assim que Quentin Skinner percebe a relação entre a visão profundamente decaída do homem para Lutero e o nascimento do protestantismo: “A base da nova teologia de Lutero, e da crise espiritual que a precipitou, residia em sua concepção da natureza humana. Lutero vivia obcecado pela idéia da completa indignidade do homem”³.

Quando se estuda o período em questão é comum se questionar no plano individual (no que se refere a Hitler) as razões pelas quais a Europa foi levada a um dos períodos mais sombrios da história da humanidade. A questão que fica latente é de que Hitler conseguiu mobilizar toda uma nação para consolidar as práticas nazistas. E isso decorre do fato de que está implícita a idéia de que nem todos alemães poderiam ser

² GAY, Peter. 1989. p. 25.

³ SKINNER, Quentin. 1978. p. 285.

nazistas, ou, resumidamente, “pessoas ruins”, quer pelo fato de nós os identificarmos como pessoas comuns. É exatamente por este caminho - **o da culpabilidade do indivíduo/gênio** - e em resposta à questão levantada pelo editorial *Quem foi Hitler* “Como conseguiu incitar às massas a acreditarem numa idéia tão radical, a crerem na superioridade absoluta de uma raça e na necessidade de exterminação de outra?” - que parece seguir o autor de todos os textos da revista “Grandes Líderes da História”, Lucas Pires.

Assim, Lucas procura depositar em Hitler todo o peso da História e mais especificamente em traumas de infância o nascimento de uma *psique maligna* (há um adendo de uma página ao capítulo “O partido sou eu” intitulado “As origens do Mal em Hitler” - ressalte-se o m maiúsculo- no qual são enumeradas uma série de razões, as mais estapafúrdias: sífilis; a perda da sua sobrinha-amante; a mordida do bode:

“Historiadores reforçam a relação conflituosa de Hitler com seu pai, tido como um tirano, que impunha a lei e a ordem sob castigos físicos. Relatos de surras que Adolf teria levado do pai na infância são freqüentes e muitos usam esse trauma para explicar a psique maligna que Hitler viria a desenvolver.” Há um adendo de uma página (pág. 21) ao capítulo “O partido sou eu” intitulado “As origens do Mal em Hitler” - ressalte-se o m maiúsculo - no qual são enumeradas uma série de razões, as mais estapafúrdias: sífilis; a perda da sua sobrinha-amante; a mordida do bode; etc. No entanto, o que prevalece em sua argumentação e para a qual infere linearmente é em relação a “educação destrutiva” de Hitler que seria a gênese de tudo aquilo desembocou no Holocausto. Não há psicologismo pior elaborado. Lucas parece crer que as idéias da sociedade pairam acima e por sobre ela - mais especificamente dentro da cabeça de Hitler e que este, como o ratinho “Cérebro”, versão nazista do desenho animado, pretendia dominar o mundo. Parece não perceber que naquele período por toda Europa (e não somente) habitavam idéias não somente de cunho anti-semitas, mas também antimarxistas, antiliberais e nacionalistas.

Sem limitar ou exagerar o alcance destas publicações, a análise que intentamos fazer se guia nesse ponto a partir do sentimento de horror que o período desperta enquanto construção da memória - nesse sentido nos parece, a revista só presta desserviços. Lucas Pires, como o senso comum, e com seu olhar ulterior estereotipado e ingenuamente distanciado dos fatos, assombrado, parece não entender, como a esquerda alemã não conseguira entender na época, aquela realidade que se desenhava. Vejamos este trecho da crítica elaborada por Horkheimer: “As forças mais progressistas tomaram

para si a *tarefa* de destruir o capitalismo; e um dos resultados do seu fracasso foi que o fascismo tomou o poder”⁴. De modo semelhante parece pensar a editora da revista, Tháise Rodrigues, cuja opinião expressada no editorial a respeito daquele período e da figura histórica de Hitler varia do assombro e incompreensão (“É fato que Adolf Hitler foi uma pessoa decisiva para o século em que vivemos. Sua figura pessoal, sua vida pública, seus atos, tudo é absurdo e intrigante.”) à culpabilidade do indivíduo, “gênio do Mal” (“Ele promoveu uma das maiores atrocidades de que se tem notícia na história da humanidade...”).

Continuando nossa análise, a revista *Almanaque Abril - II Guerra Mundial* traça um perfil histórico completamente diferente da figura de Hitler. Não se pode comparar estritamente as duas publicações na medida em que uma delas se propõe a analisar um personagem histórico e a outra, um período histórico (do fim da Iª Guerra Mundial até 1940). De certo modo, no entanto, isso já se pode mostrar como uma posição editorial. Assim a imagem de Hitler é construída de maneira muito mais *clean* no capítulo específico sobre sua biografia (págs. 33 a 37). Não se faz especulações. Excetuando-se a referência no título do capítulo biográfico Adolf Hitler, o monstro da Baviera, não há indicações/adjetivos como aqueles usados pela revista “Grandes Líderes” - mal, demônio, etc. O máximo que o texto traz sobre seu pai é que Hitler adotara, como ele, o sobrenome de um tio chamado Hiedler. O texto (Ana Lúcia Correa/Susana Camargo) se atém muito mais aos seus passos em direção ao poder. O almanaque traça de maneira razoavelmente ampla o contexto histórico e político no qual emerge a figura de Hitler. O índice pode nos dar uma idéia:

Quando tudo começou

A Europa após a I Guerra

14 anos que mudaram a história

Adolf Hitler, o monstro da Baviera.

A primeira vítima

A bota fascista

Setembro Negro

Embate entre a esquerda e a direita

Jornalista de hotel

Benito Mussolini, a metamorfose do Duce.

Uma nova conquista

⁴ SLATER, P. 1978. p. 25.,

Aliança improvável
A mão de ferro do poder
Cruzada anti-semita
Terra invadida
A guerra no gelo
A expansão nazista e o início da guerra
Armas alemãs
Armas italianas
A queda dos neutros
À espera do inimigo
A guerra estranha
Os aliados na frente francesa

O primeiro dos capítulos nos indica a idéia de continuidade entre as duas guerras por parte da redação, completamente diferente da revista “Grandes Líderes”, que percebe o Holocausto a partir do nascimento do *führer*. Finalizando, o autor dos textos da revista publicada pela editora Arte Antiga, ao contrário do que nos dissera, pode ser qualquer coisa menos historiador. Curiosamente, a revista da editora Arte Antiga traz todas as imagens com créditos (a maior parte, no entanto, são péssimos desenhos) ao contrário da revista Almanaque Abril que quase não traz os direitos de imagem, o que, como discutido com a professora Raquel, decorre do fato das imagens utilizadas nesta segunda publicação serem parte de seu arquivo – o que confirma a inexistência de algo parecido na editora Arte Antiga, e nos faz pensar que o uso notório de desenhos se deu pela impossibilidade de utilizar mais imagens, seja pelo motivo exposto, seja porque ter acesso a elas só seja possível por uma grande quantidade de capital, devendo, portanto, compra-las.

6. Análise da entrevista com a professora Doutora Maria Luiza Tucci Carneiro

A preocupação de Pires quando entrevista a professora da USP, Maria Luiza Tucci Carneiro, é, preponderantemente, analisar qual a participação e as relações que o Brasil teve na 2ª. Guerra Mundial, sob um viés que, daqui a pouco, será exposto. Existe, seja na análise dos textos da revista, seja agora nesta entrevista, um notório exercício em se “condensar” o assunto em um pequeno número de páginas. Mas o que talvez destaque mais essa entrevista em relação aos outros textos é o fato de que Tucci possibilita aos leitores o conhecimento de outras personalidades do período compreendido – de 1930 a 1945. Portanto, aquela análise que Pires estava fazendo – resumida e extremamente centrada na figura de Adolf Hitler -, agora ganha uma abordagem muito mais contextualizada – se insere em um contexto histórico -, resultado claro de um trabalho que contou com a colaboração de um pesquisador – no caso, pesquisadora. Algumas entidades políticas, por exemplo, não tratadas antes nos textos, agora aparecem na entrevista, e, em decorrência disso, a análise que Tucci faz tem que dar conta de explicar o que são estas e quais suas principais personalidades.

Outro elemento de destaque é a constante preocupação de Pires em relação a posição do Brasil no conflito mundial – eis o viés. O título da entrevista já denuncia essa preocupação: “Há responsabilidade do Brasil perante o Holocausto?” Existe, inclusive, no centro da entrevista uma imagem de rosto de Hitler encaixada no mapa do Brasil! Todas as perguntas de Pires vêm de uma associação Vargas – Hitler – Nazismo. Somente em alguns momentos o foco muda – pela abordagem de Tucci – para as relações com os EUA. Tucci procura inserir outras questões para a discussão da posição no Brasil frente a esse conflito, que, em nenhum momento, a revista deu conta. O interesse de Pires é tão somente responder a pergunta: de que lado o Brasil estava? Vargas apoiava a ideologia nazista? E a análise que Tucci faz, nos parece, “assustou” Pires. Voltaremos a esse ponto.

Em dez questões Pires procurou fazer com que Tucci respondesse as suas “duas” principais dúvidas, sendo que, reitera-se, a historiadora procurou mostrar que as questões não deveriam ser só essas. As respostas bem elaboradas de Tucci destoam com a simplicidade das perguntas que Pires fazia – algumas, há que se afirmar, muito tendenciosas. O papel, portanto, da historiadora seria o de dar o *veredicto* final a respeito da posição do Brasil no conflito.

O fato é que Tucci elabora toda uma argumentação apresentando as relações do Brasil com a Alemanha nazista e a política anti-semita instalada pelo governo em 1937. A oitava resposta de Tucci aparece assim ao leitor: “Justamente a partir de 1937 o Brasil, nos bastidores, assumiu uma política anti-semita, fechou as portas aos judeus e manteve relações confidenciais com a Alemanha”. Estranhamente, a próxima pergunta, está exatamente negando as afirmações da historiadora: “Voltando aos judeus, como o Brasil recebia a imigração judaica? ”. Novamente, Tucci reitera a dificuldade desses imigrantes em chegarem ao Brasil, ao contrário dos alemães no pós-45. “Houve casos horríveis acontecidos entre 1944 e 1945. Num deles, o Brasil levou meses para responder positivamente à aceitação de 500 crianças órfãs judias que estavam em perigo na França ocupada. Quando houve a resposta, Hitler já havia se suicidado e a guerra, acabado”, Inconsolado, Pires volta a querer dar uma idéia de um Brasil longe de qualquer ideologia nazista. E termina a entrevista com uma pergunta – extremamente tendenciosa – a respeito do voto a favor dado pelo Brasil para a formação de um estado judeu, sendo está a prova de um país marcado por uma política sem nenhum resquício anti-semita, no entanto, não obtendo o resultado desejado – “A presença do Brasil na assembléia da ONU que ia resolver a partilha da Palestina não ocorreu porque o Brasil era favorável aos judeus”.

As indagações postas por Pires tentariam coroar a ausentabilidade de culpa por parte do Brasil nos episódios relacionados ao Holocausto? Qual, de fato, era a intenção de Pires? Fazer um retrato do Brasil – objetivo que Tucci tentou traçar em poucas linhas – ou, simplesmente ter a resposta de uma especialista sobre o período quando tratamos da política brasileira? Concluímos tratar-se, sem sombra de dúvida, da segunda hipótese, que, no entanto, mostrou resultados reveladores para o próprio autor de todos os textos que compõem a revista – talvez reside aí a prova da limitação da pesquisa de Pires.

7. Conclusão

Optamos por trabalhar na conclusão com o último artigo da revista – que aparece intitulado no índice como “Um demônio encarnado?” – porque, primeiramente, observamos que é neste artigo que muitas das posições do autor dos textos, Lucas Pires, aparecem de maneira mais clara, em uma espécie de síntese de tudo o que foi abordado, tendo uma sobreposição da idéia de um Hitler psicologizado.

A pergunta que, talvez, os textos tentaram responder – discutiremos daqui a pouco se conseguiram – foi: por que Hitler fez o que fez? O que motivou Hitler? Houve, desde o início, ao contrário da abordagem da Almanaque Abril, uma centralização excessiva e, na nossa interpretação, prejudicial sobre a figura de Hitler como o único líder nazista – as vezes dando a idéia também de que este estivesse isolado – e o único responsável pelo segundo conflito mundial no século XX. Que a revista faz a abordagem de um líder é inegável; a questão é: por que na edição sobre o Buda houve uma preocupação em retratar o Budismo e seus seguidores em todo o mundo? As escolhas de Pires foram, sem dúvida alguma, no intuito de ressaltar exclusivamente a figura de Hitler, coroada com esse último artigo, em que temos – mais – um desenho de Hitler e a frase “Compreender e julgar”. Logo acima se encontra outra frase: “O que fica”. Há que se reiterar que na edição sobre o Buda não existe essa sessão e, de maneira clara, busca-se ao final fazer uma abordagem contemporânea do Budismo.

O que talvez tenha nos surpreendido mais foi a capacidade, presente nessa edição sobre o Hitler, de se “enxugar” o assunto sobre a 2ª. Guerra Mundial a ponto de torna-lo, em alguns trechos, um pouco confuso. Dados que estão inseridos sem muito nexos, nomes de outros importantes líderes que deveriam constar e, simplesmente, não constam – e quando constam, aparecem totalmente “perdidos” de um contexto histórico -, ausência de referências bibliográficas a respeito de algumas informações... Talvez tenhamos lido os textos de maneira muito crítica?! Não, se levarmos em consideração a exposição do tema na revista Almanaque Abril, muito melhor trabalhada sobre esses aspectos, deixando a clara impressão da preocupação em se fazer um texto coeso, interessante e, acima de tudo, informativo. A cada novo episódio sobre a ascensão do nazismo, são retratados não só a figura de Hitler, mas apresentadas e retratadas outras personalidades, sejam elas nazistas, comunistas etc, desde que tenham uma importância significativa para o período.

O foco das duas revistas muda de posição se levarmos em consideração que na “Grandes Líderes da História” existe a intenção dos editores em “matar a sede” sobre a

pergunta “quem foi Adolf Hitler?”, e na Almanaque Abril em retratar a 2ª. Guerra Mundial desde do Tratado de Versalhes até a inserção do Brasil no conflito – se levamos em conta os quatro volumes da edição; no volume que analisamos, as informações, procurando “abstrair” ao máximo as diferenças “físicas” (números de páginas, tamanho dos artigos), possuem um fundamento bibliográfico um pouco mais interessante. Falta, sem sombra de dúvida, as duas algo que as coloquem no patamar de edições que fizeram uma pesquisa compromissada com a construção da informação sobre temas históricos para o público leigo, na medida em que não conseguem se desvencilhar de determinados estereótipos – já tão arraigados na sociedade -, nem se esforçam nesse sentido, interpretando a inserção da ex-URSS – no caso da “Grandes Líderes da História” nem há uma significativa interpretação, por mais errônea que seja - de uma maneira correta, sempre buscando ligar a salvação do mundo da ameaça nazista ao Ocidente e, principalmente aos EUA. Quanto a esse aspecto guarda-se, mais uma vez, uma contradição interessante, presente na “Grandes Líderes da História”. No guia, a respeito dos filmes que retratam sobre a 2ª. Guerra Mundial, Pires acentua que filmes como o “O resgate do soldado Ryan” trazem uma visão muito “norte-americanizada” do conflito e que, portanto, se faz necessário enxergar com olhos críticos. Vem, daí, a seguinte pergunta: por que essa visão “norte-americanizada” foi tão aceita durante a exposição dos artigos – vide o caso criado a respeito da polêmica morte de Hitler, com a afirmação, as vezes do governo dos EUA, de que Hitler não estava morto, quando seus restos mortais estavam sob o poder do exército vermelho -?

Não houve na “Grandes Líderes da História” uma preocupação em se retratar a ascensão das políticas socialistas e comunistas e a perseguição de Hitler a essas pessoas – o que, em nossa concepção, foi um dos maiores erros da revista -, o que é confirmado pelas perguntas de Pires a Tucci, nenhuma associando a chegada de judeus **comunistas** ao Brasil – vale lembrar que é nesse contexto que se formam a maioria das associações judaicas em São Paulo. Portanto, mais uma vez, a abordagem histórica ficou, grotescamente, a desejar.

Voltando ao artigo “Compreender e julgar”, Pires procura endossar a idéia de que a revista buscou fazer com que as pessoas compreendessem quem foi Hitler para que, assim, pudessem julgar. De fato – e aí foi um erro nosso e também seria resultado de um trabalho muito extenso -, não perguntamos as pessoas se elas sabiam quem era e o que fez Hitler depois de terem lido essa publicação, e se houve alguma mudança a respeito da interpretação que tinham do líder nazista. O que, certamente, podemos

afirmar é que Pires não esconde, desde o início, a abordagem psicologizante e a consolidação da imagem de um vilão histórico que será feita a respeito da figura de Hitler. Nos pareceu, em alguns momentos que estamos lidando com uma pessoa que não possuía relações sociais, amorosas e afetivas, o que, por mais cruel e desumano que tenha sido o nazismo, é um erro afirmar, seja porque nos impede de estabelecer um olhar crítico e construtivo a respeito do passado, seja porque nos coloca – a nós todos, jornalistas, advogados, biólogos... - na função de juízes de um passado que se faz tão presente nos dias de hoje, respaldado pela violência, intolerância e preconceitos, e não construtores de uma cidadania. Entender Hitler sobre a “ótica da moral e da ética cristãs” irá, de fato, nos auxiliar a aprender algo construtivo sobre a 2ª. Guerra Mundial, ou apenas criaremos – reafirmaremos!!! – valores totalitários? Em que reside o conflito que durou cerca de oito anos e custou a vida de mais de 50 milhões de pessoas? Não foi em teorias arbitrárias e totalitárias?! Quem carrega a “verdade histórica” para que possamos nos colocar no papel de tão somente julgadores?

Devemos nós, como alerta Hobsbawn e como historiadores que somos, compreender de que maneira houve e se deu a ascensão nazista para que outras políticas de extermínio em massa – como as que ocorrem até os dias de hoje na África – cessem, façam parte de um passado compreendido, antes de ser julgado. Até porque de nada adiante intitular Hitler de “Gênio do Mal”. Já se foram milhões de pessoas, houve, após 1945, a explosão de teorias xenofóbicas, nascimento de políticas cada vez mais excludentes; portanto, devemos não tão somente “adjetivar” e, sim, encampar uma luta – aquela que Chaplin iniciou em seu filme “O Grande Ditador” – contra o renascimento dessas teorias e conflitos no século XXI.

A análise desse tipo de material – revistas de grande circulação –, que o curso de Teoria da História I, sob a docência da professora doutora Raquel Glezer, nos propiciou a entender quais e porque as abordagens feitas por essas revistas, uma pesquisa reveladora e gratificante. Aqui estão alguns poucos resultados, aqueles que nos couberam que foram possíveis de se realizar. Esperamos ter contribuído para a construção de um trabalho coletivo, com outros grupos da sala, e que só tem, agora, que ser acrescido de outras conclusões, estas que não foram feitas, seja por falta de tempo, seja por serem mais bem elaboradas quando associarmos a nossa pesquisa a outras.

8. Bibliografia

GAY Peter. Freud para Historiadores. Tradução: Osmyr Gabbi Junior. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989.

MARCUSE, Herbert. Razão e Revolução. Tradução: Marília Barroso. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

SLATER, Phil. Origem e significado da escola de Frankfurt. Tradução: Alberto Oliva. Editora Zahar. 1978.

SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno. Tradução: Renato Janine Ribeiro, Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 1996

Nome dos integrantes do grupo:

Marcos Alexandre Schwerz

No. USP: 2259295

Paulo Eduardo Amâncio

No. USP: 3503094

Pedro Henrique Maloso Ramos

No. USP: 3516306

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.